

A SENTINELA

FOLHA LITTERÁRIA E NOTICIOSA

Redactor – Padre João M. de Angelis

Gerente – Benedicto de Almeida

ANNO 3 – CACONDE, 24 DE DEZEMBRO DE 1924 – NUM. 48

- *Polyanthéa* -

COMMEMORATIVA DO PRIMEIRO CENTENÁRIO
DA FUNDAÇÃO DE CANCONDE

DEZEMBRO 1824 – DEZEMBRO 1924

CONCEBENDO o plano desta *Polyanthéa*, que ora publicamos como simples e modesto concurso às festas commemorativas do primeiro centenário da fundação desta cidade, tivemos que recorrer às minguadas fontes consultivas, rebuscando aqui e alli os raros documentos que se vão sumindo no pó dos archivos e cartórios, valendo nos também de uns restos de tradição, que devem ser aproveitados antes que o kaleidoscopio do tempo os transforme em lendas e devaneios.

Conseguimos assim recompor e concatenar os factos principaes que se ligam ao nascimento e á infância desta localidade que, aliás, tem e deve conhecer a sua historia que remonta a um passado de mais de século e meio.

E por uma coincidência que vem a propósito lembrar, a idéia da fundação da nova Caconde surgiu na época do grande e patriótico movimento que, conquistando a nossa emancipação política, operou a transição do systema absolutista para o regimen constitucional, *ex-vi* da Carta-magna, jurada e estabelecida justamente em 1824.

E assim a Freguezia da Conceição do Rio Pardo de 1775, a primeira que se fundou na vasta zona Oeste de São Paulo, depois de permanecer por longos annos mergulhada nas trevas do abandono e do esquecimento, veiu resurgir aqui, em plena luz do sol da liberdade.

Bem disseram notáveis escriptores, que o povo que não possui e não conhece a sua historia; que não se orgulha do seu passado e das suas tradições, não pode verdadeiramente ter a consciência da sua nacionalidade; desconhece a sua ascendência e as provas da sua linhagem; não tem gênese, não tem direito a ser tido como civilizado.

Mas, a historia de uma nação não é somente a chronica da sua capital e das suas grandes cidades.

As pequenas localidades teem as suas tradições, os seus episódios, as suas lendas, crenças, usos e costumes peculiares; possuem também os seus intellectuaes, os seus beneméritos.

A SENTINELA

O passado, tão cheio de encantos e de meigas seducções, constitue fonte inexgotavel de ensinamentos e de nobres estímulos, infundindo em nossa alma inabalável confiança nos destinos da nossa Pátria.

E hoje, num surto retrospectivo a uma. época tão remota, cheio de reconhecimento e saudade, relembremos os feitos e acções dos nossos avoengos, percursos dos nossos sertões bravios, atravez dos quaes abriram as veredas por onde entraram a luz, o progresso, o bem estar que gosamos no presente.

Os nossos antepassados bem merecem as homenagens desta commemoração religiosa e cívica.

Elles sabiam render culto ardente e sincero a Religião e à Pátria, ostentando com altivez e brio as suas crenças e as suas convicções políticas; consagravam a amizade leal, expansiva e duradoura; exerciam a hospitalidade franca e a caridade sem ostentação; sabiam cumprir e honrar a sua palavra; praticavam obras de benemerência; respeitavam a Lei e os seus representantes, prezando em alto grau os homens superiores e de mérito real; sabiam, emfim, sacrificar-se por um ideal, trabalhando com perseverança em prol do futuro, e bem estar da família.

De todas essas virtudes os nossos predecessores nos legaram exemplos edificantes. Elles pertenceram, emfim, a essa geração forte, inflammada de patriotismo e donde sahiram os legionários da nossa independência.

Desvendar a nossa origem; archivar os primórdios da nossa existência; conhecer e amar com desvanecimento todos os passos e lances da nossa historia local, é dar a mais eloqüente prova do nosso affecto a esta terra que o Destino designou para ser o recesso do nosso berço, o assento do nosso lar, o scenario da nossa actividade e, talvez, a estância da nossa ultima morada.

Nobélium

A SENTINELA

RESENHA HISTÓRICA

A HISTORIA de Caconde divide-se em duas partes bem distintas, porem connexas. A primeira, que pertence ao período colonial, tem largos fundamentos, como se vê, principalmente, no vol. XI dos “Documentos Interessantes para a Historia e Costumes de São Paulo (publicação official) na parte que se inscreve sob o titulo de “Primeira e Segunda questão do Rio Pardo”; a segunda, que é o objecto principal deste nosso trabalho, se desenvolve já no regimen Constitucional e fundação do império.

PRIMEIRA PHASE

A VELHA CACONDA

EM 1765, mineradores vindos de Jacuhy, sob a chefia do bandeirante capitão Pedro Franco Quaresma, descobriram ouro já nas vertentes do Rio Pardo e cabeceiras do córrego que, logo recebeu, e ainda conserva. o nome de Conceição.

Por ordem do governador da capitania de São Paulo, capitão general Dom Luis Antonio de Souza Botelho Mourão, Morgado de Matheus, que havia chegado de pouco, a Câmara de Jundiahy, cujo município se estendia até aqui, veio incorporado tomar, como effectivamente tomou posse do Novo Descoberto, ficando alli uma força militar sob o comando do capitão Ignácio da Silva Costa.

Creado o município de Mogymirim, os officiaes da Câmara, encorporados, vieram, em 30 de Novembro de 1771, ratificar aquella posse que então soffria contestação por parte do governo de Minas Geraes, sendo nomeado Intendente e Guarda-mór das minas do Rio Pardo o coronel Francisco Pinto do Rigo, que teve de sustentar continuados conflictos, no empenho de rebater as violentas invasões que os *geralistas* faziam pelo lado da freguezia de Cabo Verde. Ao novo Descoberto affluiram muitos aventureiros que exploraram as margens dos Córregos de S. Matheus, Bomsucesso e outros tributários do Ribeirão Bom Jesus, de modo que augmentada consideravelmente a população, o governador Dom Luiz de Souza, em 1775, creou a Freguezia de Nossa Senhora da Conceição e Bomsucesso do Rio Pardo, desmembrada da de Mogy-Guassú, quanto ao parochiato e da de Mogymirim, quanto a vigararia da vara.

Foi logo nomeado o Padre Francisco Bueno de Azevedo, que tomou posse da nova freguezia em Março daquelle anno.

Não foi tanto pelo interesse na exploração das minas de ouro, bem tênues e sem resultados compensadores, pois a criação de uma freguezia, em região tão remota e sertaneja, obedeceu a um plano do governador de São Paulo, que, empenhado em levantar e discutir a velha questão de divisas entre as duas Capitánias limitrophes, quiz collocar aqui, na fronteira, um posto avançando que, impedindo novas incursões dos mineiros, desse margem á discussão em prol do seu ideal — que era restabelecer os limites de São Paulo pelo Rio Sapucahy.

A SENTINELA

A freguezia do Bonsuccesso teve a sua época de florescência, mas, esgotadas as minas auríferas; com a retirada do Padre Bueno de Azevedo em 1802 e, logo depois com a saída do commandante do registro de S. Matheus, alferes Jeronymo Dias Ribeiro, em 1806 deu-se o êxodo da população, ficando apenas alguns habitantes pobres; e assim, abandonada, sem elementos de vida, a igreja e a casaria em ruínas, a freguezia desapareceu, deixando da sua existência allí, a beira do córrego, uns montículos de cascalho lavado.

Nesta revista que damos às cousas do passado, o Padre Francisco Bueno de Azevedo merece da nossa penna umas ligeiras referencias.

Descendente da tradicional família de Amador Bueno, o Acclamado, o Padre Bueno primava pela pontualidade e perseverança no cumprimento dos seus deveres parochiaes.

Fazia regularmente duas visitas por anno ao ponto extremo e longínquo da sua freguezia, indo pela estrada de Jacuhy até o Rio Grande, para dalli; seguindo pela estrada Goyaz, praticar os actos do seu ministério, nos diversos núcleos de população, e nos pousos - Rio das Pedras, Ribeirão do Inferno, Calção de Couro, Monjolinho, Vieira, João dos Reis Salgado, Bagres, Palencia, Batataes (o velho) Carlos Barbosa (Cajuru) Cubatão. Deixando a divisa da sua freguezia, atravessando o Rio Pardo e proseguindo pela estrada geral, passando pelo pouso de Casa Branca e outros seguia encontrar, nas proximidades da freguezia de Mogy Guassú, a estrada que ia ter à sua a freguezia do Rio Pardo, fazendo assim um percurso de perto de cem léguas.

Na Rev. do Inst. Hist. de São Paulo, vol. 4, encontra-se o documento seguinte: “O Bispo Dom Manuel da Ressurreição, em 14 de Setembro de 1777, fazendo a relação geral do clero da Diocese de São Paulo, diz: Povoação do Rio Pardo. O vigário desta Igreja é amovível porque não é colado, nem tem congrua da real fazenda. O seu parochio actual e também vigário da Vara é Francisco Bueno de Azevedo, natural desta Cidade, de idade de 44 annos. Sabe bastantemente moral e é de bons costumes. As conhecenças e pé d’Altar quando muito rendem cem mil réis por anno. Não tem coadjutor nem mais Sacerdote algum, com freguezes distantes da Igreja quatro ou cinco dias de viagem.

SEGUNDA PHASE

A NOVA CACONDE

NO ULTIMO quartel do século XVIII, a grande capitania de Minas Geraes, outr’ora tão florescente e opulenta, na posse de primazias e privilégios excepcionaes, apresentava o aspecto lamentável de uma ruína. Era, no dizer de um escriptor, uma decadência triste e uma desolação geral.

Esgotada as minas de ouro e diamantes passado, em fim o delírio da exploração, vendo esvahir-se pouco a pouco a esperança vã de um retorno aos áureos tempos, os habitantes de Minas, permaneciam num estado de apathia e indolência não se sentindo

A SENTINELA

propensos e confiantes na agricultura que haviam abandonado por tantos annos, e que lhes parecia agora uma occupação modesta, incapaz de lhes desvanecer os sonhos da grandeza passada.

Um facto, porem fortuito veio tiral-os desse estado de torpôr e indecisão.

A vinda da família real portugueza para o Brasil 1808; a abertura dos portos ao Commercio das nações amigas; a elevação do Brasil à categoria de Reino Unido; a longa série de factos que determinaram o grande movimento patriótico, causador da nossa independência política, tudo isso, estimulou a energia e as ambições dos mineiros que, bem inspirados, e impelidos pelo enthusiasmo que agitava o paiz inteiro, se lançaram resolutamente à conquista do sertão, em busca de terras novas e férteis, para o exercício da agricultura.

A velha Caconda, collocada aqui na estrema de São Paulo como barreira opposta às incursões dos mineiros, tornou-se então a porta larga e francamente aberta por onde entraram, quaes novos bandeirantes, os filhos de Minas Geraes, que abrindo passagem atravez das florestas virgens, pelas bacias do Rio Pardo e Mogy-guassú, penetraram a vasta região deserta do Oeste até o Rio Grande.

Os primeiros *entrantes* que aqui chegaram foram ficando attrahidos pelas excellentes condições da zona dotada de clima benigno, constituída inteiramente de terrenos de cultura, revestidos de opulentas mattas, sem uma nesga sequer de campos naturaes, e regados por uma rede maravilhosa de córregos e regatos de águas crystalinas, que correm em todas as direcções, facilitando o estabelecimento de grandes e de pequenas situações ruraes.

E como se tivessem uma visão segura do futuro, miravam com attenção as encostas e taboleiros das serras, inacessiveis às geadas e onde se estenderiam mais tarde os viçosos cafezaes.

Com os elementos bons que aqui se localizaram, abrindo a segunda phase da nossa vida e historia local, vinha também a escorralha anonyma que, privada agora daquela existência irrequieta, ambulante, licenciosa dos tempos da exploração do ouro, acostava-se ao fazendeiro, como aggregado, como votante certo, tornando-se por outro lado o camarada, o braço livre da lavoura nascente.

CACONDA - CACONDE

Logo em seguida à posse do novo Descoberto do Rio Pardo, a que foi dado o nome de Conceição, começa a apparecer o appellido de Caconda, applicado, em sentido pejorativo, à Freguezia creada em 1775.

O dr. João Mendes de Almeida, no seu “Diccionario Geographico da Província de São Paulo”, diz que Caconde — é corrupção de Qua-aqueó-nd-ê, por contracção - Cá-qu-ond-ê, significando — quebrada bem visível por onde passam muitos, ou seja — caminho geral.

Allusivo à quebrada da serra do Cubatão, servindo de passagem geral a todos naquela região, pela margem de um affluente do Rio Pardo”.

Realmente, fundada a freguezia de N. S. da Conceição e Bomsuccesso, foi logo aberto um caminho ao longo do rio das Antas ou Lambary, passando pela actual cidade

A SENTINELA

de Poços de Caldas, a sahir na estrada de Goyaz, nas proximidades da freguezia de Mogy-Guassú.

Parece ter razão o Dr. Mendes de Almeida pois, referindo-se a Guaxupé diz que este nome vem de Gua-y-xupê — significando — *passagem particular*.

Ora, existiu, com effeito, naquele tempo um travessio secreto, um atalho que os viandantes que vinham demandavam a região de Jacuhy, seguia furtivamente, contra as ordens e proibições estabelecidas, evitando a grande volta que teriam de dar passando por Cabo Verde, Registro de S. Matheus, até ganhar o caminho geral

É bem notável a concordância entre os dois vocábulos construídos pelo illustre indianista. A nossa bella e prospera visinha, a cidade de Guaxupé, deixaria de ter, como pensamos, a sua designação derivada do nome de uma das nossas abelhas silvestres.

Mas, a versão mais accetavel é a que dá o nome de Caconda como allusivo ao presídio então existente nas cabeceiras do Rio Cunene, na encosta da serra de Caconda, em Angola, possessão portugueza, na África occidental. Nessa região, como tributário do Cunene, existe um riacho com o nome de Caconde.

O famoso presídio africano era um dos espantalhos dos paulistas de então.

O vice-rei Conde de Cunha, em officio de 25 de Julho de 1776, referindo-se às numerosas prisões de desordeiros que elle, a seu arbítrio, fazia no Rio de Janeiro, dizia ao governador da capitania de S. Paulo Dom Luiz de Souza Morgado de Matheus:

“Estes são brancos mal procedidos, são negros calhambolas, são bêbedos por officio, perturbadores do socego publico, são os que tem por costume furtar mulheres casadas, sem fazerem caso da justiça nem da lei de Deus, e são outros infinitos desavergonhados que ainda são peiores que os acima referidos.

De toda esta gente tenho povoado Angola, Benguela e Caconda.

Achando se V Ex. em uma capitania como essa, que está cheia de insolentes e mal-feitores, se quizer ir prendendo destes poucos a poucos...”

Era então governador e capitão general de Angola Dom Francisco Innocencio de Sousa Coutinho, cunhado de Morgado de Matheus, o que facilitava para este a deportação de paulistas para o presídio de Caconda.

Os aventureiros que de São Paulo, Jundiahy, Mogy-guassú e outros lugares affluiram logo ao novo Descoberto do Rio Pardo, attrahidos pela fama, aliás illusoria, das minas de ouro, tendo de fazer uma longa e penosa viagem por caminhos ínvios; ao verem-se, em fim, em uma região remota, empollada de montanhas — vasta zona sertaneja e agreste, elles, os afoutos mineradores, consideraram a sua situação como um exílio, um verdadeiro degredo, e d’ahi a idéia de darem à nascente freguezia o significativo appellido de Caconda.

PREVALECE O APPELLIDO

Recebeu o Rev. Snr. Visitador Francisco de Paula Carvalho e Pinto a quantia de 7.os 3. as partes de 48\$000, do que lavrei este, que assigna. CACONDA, 9 de Julho de 1824.

O secretario da Visita Domingos Antonio de Sillos Pereira.

O Visitador F. de P. Carvalho Pinto.

A SENTINELA

EM UM LIVRO

Este livro há de servir para nelle se escreverem as actas das eleições Parochiaes da Freguezia de Caconde, e no fim leva o seu encerramento.

Mogy-mirim, 4 de Dezembro de 1828.

Julio Cezar de Cerqueira Leite

DIVISAS PRIMITIVAS

«Divisão dada pelo Bispo Dom Frei Manoel da Ressurreição para a nova freguezia de Nossa Senhora da Conceição e Bomsuccesso do Rio Pardo.

Do Rio Grande até o Rio Pardo correndo pelo estrada de Goyaz e suas povoações partindo com as da freguezia de Jacuhy, e no Rio Pardo intestando com a freguezia de Mogy.Guassú sobe a divisa e demarcação desta freguezia da dita passagem do Rio Pardo estrada de Goyaz pela rio acima até a barra do Rio Verde e pelo dito Rio Verde sobe até as suas cabeceiras e depois correrá rumo direito até o Rio Jaguary-mirim, ficando todo este dito sertão até o Registro de São Matheus que confina com os freguezes de Cabo Verde para freguezia deste Rio Pardo. E esta foi a ordem que me deu o dito senhor Bispo, que me deu por um escripto que fica em meu poder, que fielmente para constar trasladei neste Livro e assignei. Rio Pardo 5 de Novembro de 1775. Padre Francisco Bueno de Azevedo »

O Alvará régio de 15 de Março de 1814, creando no sertão da estrada de Goyaz a freguezia de Casa Branca apenas declarou que a mesma ficava limitada desde o rio Jaguary até o pouso do Cubatão. Não determinou as divisas lateraes, pelo que ficou prevalecendo a divisão de 1775.

Com a criação da freguezia do sertão de Batataes, pela Alvará régio de 25 de Fevereiro de 1815, a divisa ao Oeste ficou sendo pelo rio Cubatão.

BUGRES E QUILOMBOLAS

Ainda em principio do século XIX a freguezia de Mogy-Guassú era considerada a porta do sertão.

Os índios Cayapós, avançando do interior de Goyaz, suplantando expellindo os Tupys e seus afims — Tupynambás, Tupiniquins, Tamoyos e Temininos, que occupavam, primitivamente, os valles do Rio de Mogy-Guassú, e Rio Pardo, estendendo-se até as cabeceiras do Tiete, vieram até o ribeirão Orissanga, afluente do Jaguary mirim, pela margem direita.

Acessados, logo depois, por uma guerra de extermínio, os valentes, bellicosos e indomáveis Cayapós, dispersaram-se em grupos erradios, por uma vasta zona de mais de oitocentas léguas de circunferência, constituindo a mais poderosa tribu aborígine de Brasil meridional.

A SENTINELA

O coronel Manoel Rodrigues da Costa, então fazendeiro nos campos de Caldas, referia que pelos annos de 1820 — 1830, nas suas caçadas que fazia nas cabeceiras e vertentes do Rio do Peixe, em terrenos então pertencentes à freguezia de Caconde, por mais de uma vez encontrou grupos de índios Cayapós que faziam e colheta de pinhão. Mesmo nos subúrbios desta cidade não ha muitos annos, foram encontrado varias artefactos indígenas: trangapemas, tacapes, pedaços de iguaçabas.

Em suas molocas ou em promiscuidade com selvicolas viviam os quilombolas - negros fugidos - que, participantes da mesma condição miserando e reagindo contra a tyrannia e rigores do Captiveiro, buscavam alguma liberdade no seio recôndito e ignoto das florestas virgens.

O SINO DE 1775

NA IGREJA o sino, é considerado como um apóstolo pregador da Fé, e por isso a sua bençam se reveste de ceremonias solemnes, semelhantes às do baptismo. Do alto do campanário chama e congrega os fieis no Templo para as funções religiosas.

A sua voz argentina desperta e estimula a devoção, mantendo viva no coração dos crentes a esperança no premio celestial pela prática das virtudes christans.

Solta o grito de alarma nas horas de perigo; canta festivamente, nos dias de alegria; chora e lamenta nas horas de luto e de tristeza.

Desce hoje do cimo da torre, e tomando parte nas alegrias do povo, vae cantar no mesmo lugar, onde, ha um século, annunciou o natal de Christo e que foi também o natal desta cidade.

UMA RELIQUIA

A declaração do dogma da Immaculada Conceição (8 de dezembro de 1854), que tanto celebrizou o glorioso pontificado de Pio IX, veio confirmar e sancionar a crença fervorosa que já vinha desde os mais remotos tempos do christianismo.

Entre nós, porém, occoreu um factó histórico que, reflectindo no Brasil colonial, mais assentou a devota e especial veneração pela sublime e encantadora invocação da Virgem Immaculada.

O primeiro rei da dynastia de Bragança, D. João IV, em cumprimento de um voto depoz a corôa real aos pés de Nossa Senhora da Conceição, de Viçosa, entregando-lh'a para sempre como a soberana Padroeira da nação portugueza.

Desde então nenhum dos monarchas dessa dynastia poz a côroa real na cabeça; e a enthronização dos reis de Portugal deixou de ter o nome de *Coroação*, como em outros paizes, para chamar-se *acclamação*.

Na inauguração de cada reinado e no retratos dos reis, a corôa real figurava ao lado descançando sobre uma almofada.

O nosso cliché representa a Imagem que desde 1775, figurou no altar, como Padroeira da antiga freguezia, que desapareceu em princípios do século XIX.

A SENTINELA

Esteve por alguns annos no oratório particular do Padre Carlos de Mello, até que em 1824, figurando por ocasião da missa do Natal, passou a occupar o seu lugar no altar mór da nova igreja matriz.

Por um incidente qualquer a Imagem partiu-se de cima a baixo, sendo por isso substituída por outra de tamanho natural mas que não prima pela perfeição esculptural.

No dia 3 de Maio de 1921 o reverendo vigário João Miguel de Angelis, fazendo um exame em vários objectos já sem uso e recolhidos a granel em um armário, encontrou as duas metades da Imagem, cuja authenticidade se evidencia pela inscripção que traz numa das faces do pedestal: 1775. D.D.

A effigie mede 50 centímetros de altura; e devidamente reparada, vai ser collocada em um altar especial.

É realmente uma preciosa relíquia digna da nossa veneração.

UMA IDÉIA TRIUMPHANTE

Em 1822 entrou para aqui a família Souza Dias, composta de homens novos, intelligentes, de posição social, trazendo considerável numero de escravos, aggregados e camaradas, com valiosos elementos, emfim, para a fundação de grandes fazendas, e proveitosa exploração da industria agrícola e pastoril.

Tornando-se mais e mais intensa a entrada de emigrantes de Minas, que vinham possear-se de terrenos devolutos ou adquirir terras por compra, a baixo preço, foi-se tornando sensível a falta de uma povoação que, collocada no centro da vasta zona já bem povoada, pudesse satisfazer as necessidades da vida religiosa, civil e commercial dos habitantes. Levantada a idéia de se fundar uma nova sede da freguezia, com o mesmo provimento de 1775 e sob o mesmo Orago, o capitão Domiciano José de Souza, cujo bom senso e tino logo se manifestaram, tomou a iniciativa e encargo das medidas preliminares em ordem a realizar a justa aspiração do povo, contando para isso com valiosa cooperação do Padre Carlos Luiz de Mello, Vigilato José de Souza, Joaquim Custodio Dias, José Christovam de Lima, José Custodio Dias, Francisco Ribeiro do Valle, Joaquim Alves Moreira, Miguel da Silva Teixeira. Para garantir o regular andamento dos negócios públicos da freguezia que pretendiam restaurar, ahí estavam também muitos homens de merecimento, entre os quaes, o alferes Thomé Mendes de Vasconcellos e o Padre Ignácio Ribeiro do Prado e Siqueira, em São Matheus, alferes Manoel Alves Moreira Barbosa, a família Alves Moreira e José Barbosa Guimarães, na Conceição, Antonio Joaquim de Mello, no Bom Jesus, José de Faria Moraes e Sargento-mór José Ferreira de Ávila, no Rio Pardo, Celestino Marinho de Moura e Felipe Mendes de Carvalho, em São Miguel, capitão Antonio Alves Negrão e capitão Alexandre Luiz de Mello, na Fartura.

Pelas margens do Rio do Peixe e São Domingos já se iam formando núcleos de povoadores.

Em 1824, Miguel da Silva Teixeira fêz doação a Nossa Senhora da Conceição, do numero de cem alqueires de terras, que seriam medidos e demarcados, nas vertentes

A SENTINELA

do córrego dos Crystaes, servindo para constituir o Patrimônio da nova Igreja que seria levantada.

A estatística da população demonstrou a existência, nesta zona de um milhar de habitantes, inclusive duas centenas de escravos.

Escolhido e designado o lugar onde deveria ter assento a nova povoação, foi feita logo a derrubada e queima de uma parte da matta virgem, abrindo-se uma clareira de dois alqueires, occupados e aproveitadas com o plantio de milho, com reserva de um espaço destinado à construcção da Igreja e das primeiras habitações.

Ao mesmo tempo que se tratava, com afinco, do levantamento da capella-mor (pois a construcção do corpo da Igreja ficaria para mais tarde) aqui, alli, na orla da matta circunjacente, se erguiam, a porfia, as meiaguas, os ranchos, as palhoças, que serviriam de abrigos provisórios.

Em frente à casa que servia de accommodação aos operários da Capella (lugar hoje occupado pela casa de D. Flora Noronha) estendia-se um vasto tendal coberto de folhas de palmeira. Eram, os preparativos para a grande festa.

O Natal seria celebrado aqui, nos domínios da Senhora da Conceição; e o dia 24 de Dezembro ficaria assignalando o inicio da fundação da nova sede da velha freguezia do Padre Bueno de Azevedo.

O NATAL DE 1824

A CHUVA em mangas intermitentes cahe de mansinho, encharcando as estradas, adunando as águas dos córregos e regatos. No entanto, affrontando o rigor do tempo, daqui e dalli, vindos dos diversos bairros, chegam em magotes, a pé, carregando trouxas e malas, - homens rústicos, de amplo chapèos de lã batida, afunilados, arrastando com garbo as velhas e compridas espadas durindanas — mulheres envoltas em capotes de baetilha e barrigana. Em rumorosa cavalgatas chegam alguns graúdos homens de botas de canos altos, de couro de mateiro - mulheres de cartolinas e amplas saias amazonas.

Outros, mais commodistas, vêm de carradas.

E logo a pequena esplanada regorgita de uma multidão confusa, alegre, que, pela primeira vez, após tantos annos, no centro agreste desta região sertaneja, se vê reunida, em franca e amistosa convivência, commungando a mesma aspiração e o mesmo contentamento.

Num vai-vem continuo, grandes e pequenos, fazem visitas recíprocas, travando conhecimentos pessoases.

A noite cahe pesada e humida, mas não interrompe o borborinho e as manifestações de jubilo, pois já se ouvem os rumores dos esquentados cateretês, decantando a «tyranna, minha tyranna» e outras queixas do amor trahido, acompanhadas de palmas e do choro rasgado das violas de Queluz. E assim vae pela noite a fora até, que o sino, em longos repiques, chama os fieis a se reunirem sob o tendal em frente a casinha dos operários, onde se ergue o altar para a celebração da missa do gallo. Ao lado está o humilde presepe ornado de palmas e flores silvestres.

A SENTINELA

Mas, - falta notável - não se ouve o canto da ave gentil que dá o nome à singular e suggestiva missa da meia noite.

Do recesso escuro da matta chegam de quando em quando os pios dolentes do curiango e os gritos tristonhos do urutau.

O Padre Carlos Luiz de Mello reza a missa, que os fieis, silenciosos e constrictos, ouvem, de pé firme, calcando o solo humido e lamacento.

Ao dispersar-se a multidão, os bacamartes, os trabueos, os clavinotes estouram em salvas alviçareiras, que pela calada da noite, echoam nas quebradas das serras, como ribombo de trovões longínquos.

E a turba irrequieta, ávida do folguedos, perambula animada e contente, não querendo perder um só instante da noitada propicia e deleitosa.

A fanfarra alegre dos urús annuncia o romper da aurora e logo lá para as bandas da capella velha, surge o sol radioso, de rosto prazenteiro, promettendo um dia de bonança.

Celebrada a missa da manhã, o povo aguarda com impaciência a missa do dia; no entanto, recrudescem os festejos populares.

Escravos novos, robustos, bizarramente phantasiados, em duas filas distinctas, ao ranger dos *cazás*, e ao som dos tambores e adufes, em largos giros figurados, dançam a *congada*, simulando pejeas entre mouros e christãos.

Negros velhos — os moçambiqueiros — vestidos de saia branca, os tornozellos e pulsos bizalhados de guisos e axorcas, regidos pelo *ngana muquixa*, fazendo soar os pandeiros, a marimba o urucungo, e aos roncros alternados da puita e da lungufa, dançam o samba derreado e cantam os jongos lamuriosos, numa algaravia bárbara de portuguez e quibundo.

E assim os negros, em alegre promiscuidade com os brancos, rendem, a seu modo, ao verdadeiro Deus, o culto que outrora, em África, prestavam aos seus ídolos grotescos.

Os magnatas da terra apresentam-se nos seus trajos domingueiros — chapéus do abas largas, deixando ver as guedelhas, calças de alçapão, jaquetas de golas altas e frente desabotoada, mostrando no collete de velludo estampado a grossa corrente de ouro que prende o valioso relógio-distinctivo dos homens de importância.

Entre elles, como alvo dos olhares e atencções, destaca se a figura do respeitável senhor Capitão-mor, Custodio José Dias, de Santo Antonio do Machado, que veio especialmente para, com suas filhas e genros, assistir aqui as festas do Natal.

Em visitas e passeios, grupos de famílias, vão de um rancho a outro rancho. As donas de respeito, com os seus vestidos de nobreza, de três e quatro ordens de babados, se envolvem discretamente nas longas capas de panno fino, com cabeção de velludo recamado de vidrilhos. As moças de família, em corpinho, vestido tufado pelas saias de gomme, os cabellos untados da cheirosa pomada de maçacar (comprada na corte do Rio), exhibem, como requinte do luxo, um escrínio de jóias, muitas jóias de ouro de lei e de legítimos diamantes do Serro e do Tejuco, - preciosos remanescentes dos áureos tempos das famosas Minas-geraes.

Allegrando o céu escampo bandos de papagaios num vôo frouxo, passam, perpassam, em alarido infantil, mirando cubiçosamente o verde milharal já eriçado de pendões fecundantes.

A SENTINELA

Mais alem, buscando as serras distantes, araras esquivas voam bem alto, pompeando à luz do sol a polychromia berrante da plumagem.

Eram as galas da natureza virgem.

E agora sente-se no ar o cheiro provocante da leitoa assada, companheira inseparável da pinga boa e do clássico tatu.

Todos se entregam às lautas refeições. O sino anuncia a aproximação da hora desejada.

Reúne-se em massa a multidão; o padre reza a missa do dia e logo sahe a procissão, oh! a procissão, sonho fagueiro de tantas noites, espectáculo encantador que virá despertar saudosas reminiscências dos tempos que já se foram.

E o préstito segue lentamente em meio de cânticos laudatórios à Virgem da Conceição, cuja imagem se vê no alto do andor carregado pelos mais poderosos da terra, e faz em fim o seu longo percurso pelas devesas empedradas de tocos e troncos carbonizados.

Terminado o Te-Deum, o padre lança finalmente sobre os seus parochianos uma benção confortadora, como seguro penhor e solemne consagração de uma idéia triumphante.

Estavam em fim lançados os fundamentos da nova Caconde.

POPULAÇÃO DE CACONDE

- EM 1815 -

| | |
|-----------------------|----|
| Habitantes (em geral) | 74 |
| Fogos | 11 |

- EM 1824 -

| | |
|--------------------|-----|
| Homens, livres | 416 |
| Mulheres, livres | 451 |
| Homens, escravos | 168 |
| Mulheres, escravas | 33 |

1.068

Em 1824 a população da província de São Paulo, inclusive o Paraná orçava em 250.000 almas.

A SENTINELA

TRAÇOS BIOGRAPHICOS

PADRE CARLOS LUIZ DE MELLO, filho do capitão Alexandre Luiz de Mello, (ilheu) que adquiriu a fazenda do Limoeiro, na barra e margem direita do rio Guaxupé, e onde o Padre Carlos possuía também uma parte de terra, que constituiu o patrimônio para a sua ordenação.

Em 1819 o padre Carlos adquiriu, por *posse*, e compras, a fazenda “Bom Jesus, que se estendia ate o rio Pardo, vindo residir no sitio que depois, ficou conhecido por “Silva” - (a 3 kilometros desta cidade) a beira da estrada que ia para a capella velha. Alli na pequena casa de sua morada, celebrava, de quando em quando, o sacrificio da missa, com assistência dos poucos moradores circumvizinhos.

Apaixonado pelas caçadas de alarido; ausentando se frequentemente da parochia, descuidou da escripta a seu cargo, deixando de registrar no livro do Tombo os factos que antecederam e vieram a succeder a fundação desta localidade, cuja história, com difficuldade, procuramos hoje recompor. Em 1833 mudou-se para o então Curato de Cajurú, onde falleceu talvez em 1855.

TENENTE CORONEL DOMICIANO JOSÉ DE SOUZA, nascido em 1790, na freguezia de Ibituruna, município de S. João D’El-Rei, Minas Geraes, filho de Marcos Aurélio de Souza.

Casou-se com D. Mariana de Almeida e Silva, filha do Capitão-mor Custódio José Dias, de Santo Antonio do Machado.

Veio para aqui em princípios de 1822, acompanhados de seus irmãos Vigilato, José Custódio e Joaquim Custódio e bem assim do cunhado José Christovam de Lima. De sociedade com Vigilato José de Souza estabeleceu as duas grande fazendas: Soledade e Bica de Pedra, tornando se um dos mas opulentos lavradores da grande zona Oeste de S. Paulo.

Edificou logo, em frente a Igreja Matriz, a casa grande da Soledade, prédio notável para aquella época e que é ainda um dos melhores desta cidade e pertencente à Câmara Municipal, que o cedeu para nella funcionar o tão útil e conceituado Collegio da Immaculada Conceição.

Foi o fundador principal, o legitimo patriarcha e bemfeitor desta cidade, cuja infância elle acompanhou passo e passo, com uma dedicação incansável e um amor verdadeiramente paternal.

Era chamado — o pae da pobreza.

Nas épocas de carestia elle ordenava que os seus armazéns, aqui estabelecidos, continuassem a fornecer os gêneros de primeira neccessidade sem a mínima alteração de preços. Chefe do partido liberal, a sua influencia não soffria quebra mesmo durante o domínio político dos adversários Era o homem neccessario. Exerceu o mandanismo na boa accepção do termo, por que foi sempre assistido da confiança, da estima e da alta consideração que soube conquistar e manter até a sua morte em 27 de Outubro de 1861.

Delle disse um contemporâneo: “Ao seu enterro o choro, as exclamações de magua abafavam o som das marchas fúnebres”

A SENTINELA

TENENTE VIGILATO JOSÉ DE SOUZA, nascido em 1793, em Ibicuruna, casado com D. Anna Josepha da Silva, filha do capitão-mor Custodio Dias.

Homem inteligente, dado à leitura e dispondo de uma instrução primaria apreciável para o seu tempo; cavaleiro, de fino trato, mas um tanto inacceissivel, sendo tido na conta de aristocrata, se não dispunha de grande popularidade, gosou sempre de alto respeito e consideração.

Foi sócio em todos os negócios mercantis e também poderoso auxiliar de seu irmão Domiciano na fundação desta cidade, e estabeleceu-se na grande fazenda da Bica de Pedra (hoje Itahyquara).

Foi vereador da primeira Câmara Municipal de Casa Branca em 1841 e, dedicado ao serviço público, foi sempre figura de representação social.

ALFERES JOSE CUSTODIO DIAS, nascido em 1798, casado com D. Antonia da Silva, filha de Gabriel Pio da Silva, de Caldas. Fundou a fazenda das Canoas, onde sempre residiu. De costumes austeros e d'uma honestidade proverbial na família a que pertencia, foi sempre solidário com os irmãos na obra da fundação desta terra, que saberá sempre guardar a lembrança dos seus primitivos bemfeitores.

CAPITÃO JOAQUIM CUSTÓDIO DIAS, nascido em 1800, natural de Ibituruna, casado com D. Luzia Delphina da Silva, filha do capitão-mor Custódio Dias.

Estabelecido na sua fazenda da Lage, à beira da estrada geral que de Caconde seguia para Casa Branca, passando pela actual cidade de Mococa, o capitão Joaquim Custódio tornou-se conhecido e popular. Era elle a personificação da hospitalidade franca, tradicional entre os filhos de Minas, em contraste com os hábitos reservados dos velhos paulistas, retrahidos e desconfiados.

Tendo sido um dos fundadores de Caconde foi mais tarde, auxiliar a fundação da próspera e progressiva cidade de Mococa.

Creado o termo judiccario e município de Caconde, o capitão Joaquim Custódio, já bem velho, mas sempre serviçal e considerado, foi eleito e faz parte da primeira Câmara municipal (1864).

Dos filhos que deixou ainda existe o honrado e prestimoso Coronel Theophilo C. Dias proprietario da grande fazenda da Lage.

ALFERES JOSÉ CHRISTOVAM DE LIMA, natural de Batataes, casado a primeira vez com D. Bárbara Delphina da Silva, filha do capitão-mor Custódio Dias, e segunda vez com D. Anna de Noronha Negreiros, filha do capitão Felix de Noronha Negreiros.

Instalou-se na sua fazenda na Água Limpa, tendo prestado, na fundação desta cidade relevantes serviços, ao lado de seu cunhado o tenente coronel Domiciano.

Figurou também, mais tarde, no número dos fundadores de Mococa.

FRANCISCO RIBEIRO DO VALLE, filho de Joaquim Ribeiro do Valle, nascido em 1792, natural do Município de São João d'El-Rei.

Em 1829 adquiriu a fazenda da Barra Grande de Guaxupé, onde residia, tendo fallecido em 18 de Abril de 1860.

Vemol-o figurando como mesario para a primeira eleição de Juiz de Paz, em 1828, e ainda em 1836 torna a apparecer eleito Juiz de Paz do districto de Caconde.

A SENTINELA

Intimamente relacionado com a família Souza Dias, foi um valioso auxiliar da fundação da nova Caconde.

Ainda em 1839 era considerado como pertencendo Civilmente a esta freguezia.

Do seu casamento, em 1815, com D. Maria C. Umbelina deixou 14 filhos dos quaes ainda sobrevive a veneranda senhora D. Cândida Catharina de Senna, na idade de 82 annos. Foram todas pessoas de destaque e prestígio social, notadamente o tenente coronel Manoel Joaquim Ribeiro do Valle, Barão do Guaxupé e pae do actual conde Joaquim Augusto Ribeiro do Valle.

JOAQUIM ALVES MOREIRA, natural de Ayuruoca, Minas Geraes, nascido em 1796, filho de Hyppolito Alves Moreira.

Foi um dos primeiros que para aqui vieram depois do desaparecimento da velha freguezia de 1775, pois em 1816 já se achava, com seu pae, instalado na fazenda da Conceição.

Acompanhou de perto toda a evolução da idea de se fundar uma nova povoação nesta zona. Foi o primeiro escrivão de Paz e da Vigararia da Vara, serviu o cargo de primeiro Juiz de Paz, foi por muito tempo o agente da Colléctoria e fez parte da primeira Câmara Municipal eleita em 1864.

Dotado de um gênio serviçal e conciliador, foi geralmente estimado.

Falleceu nesta cidade em 16 de Julho de 1875

Do seu casamento com D. Rita Maria de Jesus teve muitos filhos dos quaes vivem aqui o major José Alves Moreira Barbosa e D. Anna Cândida Alves Moreira, com a idade de 93 annos.

MIGUEL DA SILVA TEXEIRA, mais ou menos pelo anno de 1819, entrou para aqui, vindo de São Vicente, Minas Geraes, o velho José da Silva Teixeira, trazendo em sua companhia os filhos Miguel, João, Vicente, Simão e Germano. Simão da Silva Teixeira logo desceu pelo Rio Pardo, tomou posse de grande extensão de terras, 1.200 alqueires, que mais tarde, em cumprimento de uma promessa, doou para patrimônio de uma freguezia, hoje cidade de São Simão.

Germano Teixeira, por sua vez, apossou-se de terra na nova freguezia de Casa Branca, onde se estabeleceu com os irmãos Vicente e João. Miguel da Silva Teixeira tornou-se possuidor, aqui, das terras do Cascalho, Engano e Bocaina, alem do Rio Pardo, tomando também posse dos terrenos a margem direita do rio Bom Jesus, desde a barra ate as contravertentes do corrego dos crystaes, ao todo mais de mil alqueires, dos quaes, por espírito religioso e para a fundação da nova freguezia, fez à Nossa Senhora da Conceição, para constituir o patrimônio da nova Igreja, a doação de cem alqueires.

Do seu casamento com Maria Antônia dos Santos teve muitos filhos; e enviuvando, mudou-se para Cabo Verde, onde casou-se com Maria Felixarda de Oliveira, maior de 50 annos. Indo depois residir em Caldas, lá falleceu, deixando o seu nome ligado à historia desta terra, como um dos seus bemfeitores.

A SENTINELA

AUTORIDADES

Cuja jurisdição chegava até aqui em 1824

Presidência da Província, cargo creado pela Carta de Lei de 20 de Outubro de 1823. Primeiro Presidente da Província de São Paulo, Lucas Antonio Monteiro de Barros, depois Visconde de Congonhas do Campo, serviu até 1.º de Abril de 1827.

Bispo Diocesano. Tendo em 5 de Maio de 1824 fallecido o 4.º Bispo de São Paulo, Dom Matheus de Abreu Pereira, ficou como Vigário Capitular o Arcediago Dr. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, que em 1827 foi nomeado Bispo da mesma Diocese.

EM MOGY-MIRIM:

Juizes Ordinários: Antonio de Oliveira Prado e Alferes Antonio José Ribeiro.

Vereadores: Joaquim da Rocha Campos, José Barbosa Rego e tenente Luiz Silvério de Barros.

Procurador: Antonio Pinto dos Santos.

Capitão-mor: Antonio da Cunha Lobo.

Ouvidor da Comarca (Itu) Dr. Miguel. Antonio de Azevedo Veiga.

PRIMEIRO CUIDAR DOS MORTOS

EM MAIO de 1825 já a capella da Conceição, solidamente construída de madeira de lei aparelhada a capricho, estava concluída e dotada das alfaías e objectos mais necessários ao culto público.

Cumpria, porém, antes de tudo, satisfazer uma das mais urgentes necessidades, removendo uma séria difficuldade, que tanto pesava aos habitantes desta zona.

Os enterramentos de cadáveres continuavam a ser feitos no antigo cemitério da Capella velha, em Bom Sucesso, de modo que os moradores de Canoas, Lage, Fartura Rio do Peixe e outros pontos extremos, para dar sepultura aos seus mortos, tinham de fazer um trajecto de mais de cinco e seis léguas.

Foi porisso que o Padre Antonio de Oliveira Carvalho, que de sociedade com os seus parentes Felipe Mendes de Carvalho e outros era coproprietario e residente no sitio da Apparição, a meia légua distante da nova capella, ao ser nomeado vigário interino, deu pressa em representar à autoridade diocesana, pedindo licença para benzer, aqui, um novo cemitério, ficando declarada a profanação e interdição daquella já

A SENTINELA

imprestável necrópole dos tempos coloniaes. Obtida a licença, o padre Carvalho benzeu o cemitério *no lugar da nova edificação da Matriz*, de modo que os corpos, desde então, passaram a ser sepultados no adro da Igreja.

Só em 1 ° de Março de 1838 o padre José Barbosa do Nascimento, benzeu um cemitério, cercado de madeira, no lugar chamado Samambaia da Capella nova, onde até hoje existe, secularizado, e com grandes melhoramentos.

INÍCIO DA VIDA POLÍTICA

FUNDADA a nova povoação e sede da Freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Rio Pardo, (que continuou a ter, mesmo em actos officios, o tratamento de “Caconde”); tendo já obtido provisão e bençãam a Igreja Matriz que então se compunha somente de Capella-mor; contando já um certo número de casas, algumas cobertas de telhas e com urna população de perto de cem habitantes, entre os quaes se achavam estabelecidos como negociantes de viveres e molhados Antonio Luiz dos Santos, Manoel Lourenço de Toledo e José Joaquim da Silva, tratou-se de iniciar a vida civil e política da Freguezia que, durante muitos annos, sem ser supprimida, teve, uma por falta de elementos, uma existência meramente nominal.

A Câmara municipal de Mogy-mirim, em sessão de 6 de Abril de 1828, nomeou para exercer o cargo de Juiz de Paz o capitão Domiciano José de Souza e para supplente o alferes José Barbosa Guimarães, sendo também eleito e provido no cargo de escrivão Joaquim Alves Moreira.

Em sessão extraordinária da mesma Câmara, em 3 de Maio de 1828, os eleitos acima nomeados, prestaram, pessoalmente, o respectivo juramento e tomaram posse dos cargos para os quaes haviam sido eleitos.

Procedeu-se logo a qualificação dos cidadãos mais aptos, que, pelo voto directo, teriam de eleger o Juiz de Paz, o seu supplente, sendo que a jurisdição deste poderia passar, indefidamente, aos demais immediatos na ordem da votação.

Para regular o assentamento da nova povoação foi, pela Câmara de Mogy mirim, nomeado fiscal o alferes Manoel Alvos Moreira Barbosa, que era também o administrador do velho Registro de São Matheus.

TRES PADRES?!

CAUSARÁ certa estranheza o facto de, numa vasta zona longínqua, sertaneja, quasi deserta, ainda pisada pelo selvicola bárbaro, ao dar se a fundação desta localidade, apparecem, ao mesmo tempo, três padres aqui residentes e estabelecidos como proprietários de terras, a saber: o padre Ignácio Ribeiro do Prado e Siqueira, na margem

A SENTINELA

direita do São Matheus, o padre Carlos Luiz de Mello, na margem esquerda do Bom Jesus, e o padre Antonio de Oliveira Carvalho nas vertentes do córrego da Aparição.

O facto, no entanto, parece ter uma explicação razoavel.

Na falta de Academias e escolas de ensino superior no Paiz, os seminários episcopaes e os collegios de jesuítas davam, corno era natural, o maior contingente para a constituição da classe dirigente, e dahi a grande e benéfica influencia que o clero exerceu durante o longo período colonial e mais ainda nos primeiros tempos de nossa independência política.

Era então (como ainda hoje), considerado como honra especial para uma família o ter em seu seio um sacerdote que, aliás, para receber as ordens de presbytero secular, tinha que constituir um valioso patrimônio representado em bens immoveis.

Dessa predilecção e tendência para a classe ecclesiástica resultou que o numero de padres sobrepujou em muito o numero de parochias, attento a pequenez da população em contraste com a vastidão territorial dos bispados, e assim a *ordenação* deixou muitas vezes de ser um ministério ou, digamos mesmo, uma carreira ou profissão especulativa, para se tornar um titulo honorifico, de alto apreço social.

Cessando a bárbara e deshumana caçada e escravização do índio; desvanecida por completo a miragem fascinante e falaz do ouro, cuja exploração absorvia todas as actividades e energias; passada em fim, a *aetas auri*, o Paiz tomou outra orientação e todas as atenções se voltaram para o cultivo da terra, como a mais natural e segura fonte da nossa riqueza pública, e particular.

Foi por isso que, dispondo de regular instrucção, podendo ter uma visão mais perfeita do futuro, os, padres, conhecendo as condições geographicas e geológicas mais vantajosas das regiões incultas e desoccupadas, penetraram o sertão, tornando-se por sua vez *posseadores* de largos tratos de terras devolutas, para o exercício lícito e promissor da indústria agrícola e pastoril.

Foi o que se deu nesta zona.

AS PRIMEIRAS ELEIÇÕES

AOS 8 dias do mez de Dezembro de 1828, na Igreja Matriz da Senhora da Conceição do Rio Pardo, Termo da Villa de São José de Mogy-mirim, comarca de Itú, da Província de São Paulo, reunidos os cidadãos para se proceder a eleição parochial, depois da Missa do Divino Espírito Santo e Orações ditas pelo Vigário da mesma Freguezia, Carlos Luiz de Mello, sendo presente o Juiz de Paz Domiciano José de Souza, nomeado pela Câmara deste Termo, presidindo com o dito Vigário a Mesa em o corpo da Igreja, foram por aclamação eleitos escrutadores os senhores José Custódio Dias e Francisco Ribeiro do Valle, e secretário Vigilato José de Souza e Joaquim Alves Moreira; e tomando assento junto à Meza, feita pelo Presidente leitura determinada nas Instrucções, e nada constando de suspeita nem suborno, procedeu-se ao recebimento da listas que compareceram ao numero de 50, que contaram e publicaram; e passando a

A SENTINELA

apuração dos votos obtiveram o seguinte: Capitão Domiciano José de Souza, 42 votos; Vigilato José de Souza, 20,* o reverendo Vigário Carlos Luiz de Mello, 16; Flavio Antonio Martins Ferreira, 10; José Custodio Dias, 6; . Francisco Ribeiro do Valle, 2; Joaquim Alves Moreira, 2 votos. Convocados os que obtiveram a maioria assistiram o acto solemne do Te-Deum, findo o qual se deu por concluída a eleição, fechando-se as Listas par serem remetidas a Câmara respectiva, acompanhadas da cópia desta acta, e da mesma se extrahiram as que serviram de diploma aos eleitores nomeados; e pai a todo tempo constar passo a presente firmada por toda a Mesa.

O Vigário Carlos Luiz de Mello.

Domiciano José de Souza, Presidente.

Vigilato José de Souza, Secretário.

Joaquim Alves Moreira, Secretário.

Francisco Ribeiro do Valle, Escrutador.

José Custódio Dias, Escrutador.

NOTA — *Cada votante votava em dois nomes.*

O mais votado seria o Juiz de Paz e o immediato em votos seria o supplente.

No impedimento do Padre Carlos e Vigilato de Souza, .serviu como supplente Flávio Antônio Martins Ferreira.

Em 8 de Setembro de 1832, procede-se a eleição não só para a Câmara Municipal de Mogy-mirim como para um Juiz de Paz e um supplente da freguezia de N. Senhora da Conceição de Caconde.

Para Juiz de Paz obtém votos:

| | |
|---------------------------------|-----------|
| Capitão Domiciano José de Souza | 126 votos |
| Vigilato José de Souza | 33 » |
| Flavio Antonio M. Ferreira | 30 » |
| Thomé Mendes de Vasconcellos | 28 » |
| Manoel Alves Moreira | 21 » |

Outros menos votados.

É reeleito o Capitão Domiciano.

Em 25 de Março de 1833 procede se 4 eleitores de parochia.

São votados:

| | |
|---------------------------------|-----------|
| Capitão Domiciano José de Souza | 125 votos |
| Vigilato José de Souza | 124 » |
| Joaquim Custódio Dias | 91 » |
| José Christovam de Lima | 70 » |

Obtiveram também votos:

| | |
|-------------------------------------|----------|
| Padre Carlos Luis de Mello | 36 votos |
| Sargento-mor José Ferreira de Ávila | 28 » |
| José Custodio Dias | 25 » |
| Thomé Mendes de Vasconcellos | 22 » |

A SENTINELA

Capitão Antonio Alves Negrão 7 »
Outros menos votados.

Em 1834 a freguezia de Caconde, é dividida em districtos de Paz, tendo por divisa o Rio Pardo.

No dia 5 de Maio procede.se a eleição para Juizes de Paz, sendo votados

1.º Districto

| | |
|-----------------------------------|----------|
| Capitão Domiciano José de Souza | 65 votos |
| Vigilato José de Souza | 49 » |
| Joaquim Custodio Dias | 42 » |
| Thomé Mendes de Vasconcellos | 37 » |
| José Custodio Dias | 20 » |
| Alferes Manoel A. Moreira Barbosa | 17 » |
| José Christovam da Lima | 14 » |
| Padre Carlos Luiz de Mello | 13 » |
| Joaquim Alves Moreira | 12 » |

2.º Districto

| | |
|-------------------------------------|----------|
| Capitão Thomaz José de Andrade | 40 votos |
| Furriel Bonifácio Souza Penna | 35 » |
| Sargento-mór José Ferreira de Ávila | 31 » |
| Capitão Antonio Alves Negrão | 23 » |
| Vicente Ferreira Pinto | 12 » |
| Manoel Martins Parreira | » |
| Outros menos votados. | |

7 de Abril de 1836

São eleitos 5 eleitores de parochia:

| | |
|----------------------------------|-----------|
| Cap. Domiciano José de Souza | 141 votos |
| Tenente Vigilato José de Souza | 137 » |
| Alferes Joaquim Custodio Dias | 121 » |
| Sargento José Christovam de Lima | 67 » |
| Alferes José Custodio Dias | 59 » |
| Outros menos votados. | |

A SENTINELA

Procede-se em seguida a eleição para 4 Juizes de Paz, sendo eleitos:

1.º Districto

| | |
|---------------------------------|----------|
| Capitão Domiciano José de Souza | 97 votos |
| Tenente Vigilato José de Souza | 91 » |
| Alferes Joaquim Custodio Dias | 77 » |
| Francisco Ribeiro do Valle | 39 » |
| Outros menos votados. | |

2.º Districto

| | |
|------------------------------|----------|
| Vicente Ferreira Pinto | 49 votos |
| Manoel Martins Parreira | 37 » |
| Bonifácio Parreira Penna | 37 » |
| Capitão Antonio Alves Negrão | 36 » |
| Outros menos votados | |

A Freguezia de Caconde passa a formar de novo um só districto, pelo que em 12 de Dezembro de 1836 se procede a outra eleição para Juizes de Paz, sendo eleitos

| | |
|---------------------------------|-----------|
| Capitão Domiciano José de Souza | 184 votos |
| Tenente Vigilato José de Souza | 179 » |
| Alferes Joaquim Custodio Dias | 122 » |
| Venerando Ribeiro da Silva | 83 » |
| Outros menos votados. | |

ELEITORES PAROCHIAES

Em 1828, dada a restauração da freguezia de Caconde, esta deu 3 eleitores de parochia, que foram o Capitão Domiciano José de Souza, Vigilato José de Souza e Padre Carlos Luiz de Mello. Em 1833 o numero de eleitores foi elevado a 5; em 1840 a 8 e mais tarde a 9. Os eleitores concorriam ao collegio eleitoral — a principio, em Mogy.mirim; depois na Franca; mais tarde em Casa Branca, e finalmente em Mococa, até que a Lei Saraiva estabeleceu o systema da eleição directa.

A SENTINELA

JUSTIÇA D'AQUELLE TEMPO

CONTAS COMPLICADAS

Aos 14 dias do mez de Junho de 1828, nesta freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Rio Pardo, termo da Villa de S. José de Mogy-mirim, comarca da Villa de Itu, sendo ahi em presença do Meritissimo Juiz de Paz capitão Domiciano Jose de Souza e de mim escrivão adiante nomeado, comparecerão presentes Miguel da Silva Teixeira e Francisco José Rodrigues para effeito de ajustarem suas contas e sendo feitas em presença do Juiz ficou o dito Miguel da Silva Teixeira a dever ao dicto Francisco José Rodrigues a quantia de 1.840 réis, o qual ficara pago e satisfeito da dita quantia de 1.840 réis para que o Juiz mandou lavrar este termo em que assigna junto com as partes.

Eu Joaquim Alves Moreira, escrivão que o escrevi.

Cap. Domiciano José de Souza.
Miguel da Silva Teixeira

Signal de Francisco + José Rodrigues

NOTA; Figura neste *pleito judiciário*
Miguel da Silva Teixeira, doador do patrimônio.

POR CAUSA D'UMA CAMISA

Aos 11 dias do mez de Julho de 1829, nesta freguezia do Rio Pardo, Termo da Villa de São José de Mogy-mirim comarca da Villa de Itú, sendo ahi neste juízo foi vindo Ursula Maria da Cruz a requerimento de Maonoela da Cruz para o fim de lhe pagar uma camisa que lhe tinha rasgado, e por que se compuserão entre ambas deu a dita Ursula duas vara o meia de amorim e a dita Manoela deu-se por pagar e ficou satisfeita. Mandou o Juiz lavrar este termo em presença das testemunhas. Eu Joaquim Alves Moreira escrivão o escrevi.

Flavio Antonio Martins Ferreira
Juiz de Paz supplente
Vicente Ferreira de Moraes
José Antonio de Lemos.

NOTA: Oh *tempora, oh mores!*
Havia justiça barata e prompta para tudo e para todos.
O Juiz de Paz era o rei Salomão.

A SENTINELA

NÃO BRIGUEM!

(Termo de Reconciliação)

Aos seis dias do mez de Junho de 1830, nesta freguezia de Caconde, termo da Villa de Mogy mirim, comarca de Itú, sendo ahi neste Juízo, presente o Meritissimo Juiz de Paz, capitão Domiciano José de Souza foi vindo Vicente Rodrigues de Faria e sua mulher Antonia Mariana para se reconciliarem sobre o andar dando pancadas em sua mulher e ser fazedor de motim, vivendo só fazendo desordem e juntamente sua mulher dar alguma ocasião para isso, e se recumpese amigavelmente na presença do Juiz de Paz, este declarou que aquelle que tornasse a continuar fazer barulho e viver só com intriga com sua mulher e sua mulher com seu marido pagar a multa de dois mil réis ou dois dias de prisão, do que tudo ficarão scientes e comprometterão cumprir, mandou o dito Juiz lavrar este termo em que assinão com cruz junto com as testemunhas Antonio Joaquim de Mello e Joaquim dos Santos. Eu Joaquim Alves Moreira escrivão escrevi.

Cap. Domiciano José de Sousa.

Signal de Vicente † Rodrigues Faria
Antonio Joaquim de Mello.

Signal de Joaquim † dos Santos.

NOTA: Bellos tempos! Hoje em dia os pobres maridos pagam cruzado e andam pelo cabresto; e até consta que um desgraçado aqui, apanha da mulher como um cachorro e o senhor Juiz de Paz não dá providencias.

PROCESSO DE INJURIA

O escrivão do meu cargo vá á casa do inquiridor Antonio Joaquim de Mello e com elle inquirirá as testemunhas Antonio Francisco dos Santos, Lourenço José, João, Lourenço, José Dutra Soares e Barreto Gonçalves sobre as injurias que Antonio José Rodrigues me fez, das quaes tive notícia a trez dias, para o que, seja a parte citada, e feita a inquirição os autos me sejam conclusos. Freguezia, 24 de Setembro e 1881.

Domiciano José de Souza
Juiz de Paz

A SENTINELA

Inquiridas as cinco testemunhas estes disserão ter ouvido da bocca do réu Antonio Rodrigues as seguintes expressões:

“Que o Juiz de Paz Domiciano de Souza Dias não sabia, fazer justiça; não sabia nada; que era um juiz de catamduba, que era juiz, mas que podia governar no inferno”.

Indo os autos conclusos, o juiz de Paz deu a seguinte sentença:

“Visto as mais partes perdoarem não quero ser remisso; pague as custas”.

Fazenda da Soledade 27 de Setembro, de 1831.
Domiciano José de Souza.

| | |
|--------------------|--------------|
| Custas:. | |
| Autoação..... | 240 |
| Termo 3..... | 240 |
| Citações 6..... | 1.200 |
| Inquirições 5..... | 400 |
| Rasa..... | 372 |
| Somma | <hr/> 2\$452 |

NOTA: Ora, sendo o juiz de Paz a única parte offendida que podia perdoar; não se sabe quaes seriam as mais partes que perdoaram.
Com certeza a mulher, os filhos, os parentes, os amigos... o vigário...

A CASINHA DO GUERRA

*Foi a primeira que se construiu no terreno que veio
a constituir o Patrimônio*

“O camartello impiedoso do Tempo, que tudo tem destruído, substituindo a casaria velha por edifícios sólidos e confortáveis, por uma excepção, como que providencial, poupou e conservou ate hoje, em sua integridade, a primitiva casinha do filho do doador do Patrimônio, e que alli está, mostrando a sua feição antiga, com os

A SENTINELA

seus esteios fincados no chão e com as suas paredes ripadas e barreadas, no lugar onde, antigamente, se chamava “Samambaia”, a margem direita do Córrego do Cemitério.

Antonio Joaquim da Silva, filho de Miguel Teixeira, teve um filho de igual nome e possuidor da casinha que, em 1842, juntamente com outros voluntários e recrutas marchou até Campinas a juntar-se com as forças leaes que, sob o commando do barão de Caxias, combatia a revolução chefiada em São Paulo pelo padre Diogo Feijó e Raphael Tobias de Aguiar.

Voltou incólume, sem ter entrado em combate más, mesmo assim ganhou o bellicoso appellido de Guerra, que passou aos seus descendentes, dos quaes alguns ainda existem neste município.

ANEDOCTAS ORIGINAES

O Tenente coronel Domiciano, popular e cavalheiro, sempre que, com a família, vinha á freguezia, dava em sua casa, alegres recepções, realçadas por bailes animados, que se prolongavam até alta noite.

Elle sentia profundamente não saber dançar, para tomar parte em uma diversão que tanto lhe agradava.

E contava este caso:

De uma feita, em viagem, vendo um trecho de estrada muito plano e recoberto de areia, teve a idea de fazer uma experiência e ver se tinha geito e garbo para bailarino.

Apeou-ae, formalizou-se, assobiou uma música qualquer e, de botas e esporas, riscou um *enavant* entusiasmado.

Vendo, porem na frente, o seu cavallo que o olhava fixamente, ficou envergonhado e exclamou em tom reprehensivo: Oh! diabo! você nunca viu dançar baile?

O doutor André Reguinel, sueco, médico residente em Caldas, passando, certa vez, pela fazenda do tenente Vigilato, ao jantar, relanciou os olhos pela mesa fartamente servida, e não vendo prato de carne, interpelou a criada: Não tem carne? Tem, sim, mais hoje dia de preceito da igreja.

— Não faz mal, eu não observo esse preceito.

A criada retirou-se e logo depois, em vez de carne, veio a Dona Anna e muito despachada, disse ao hospede exigente:

O senhor coma, a fartar, do que está na mesa pois aqui quem dá o preceito é a dona da casa.

O doutor, apesar de ser protestante, teve que observar o preceito.

A SENTINELA

OBELISCO

Desde os tempos mais remotos o homem, na ânsia de immortalidade, querendo viver na lembrança dos pósteros, teve a preocupação constante de transmittir ao futuro a fama dos seus feitos, confiando essa aspiração à plastica. resistente do bronze, do mármore e do granito.

O hebreu, segundo a versão bíblica, ao deixar a terra de Canaan, ergue a torre monstruosa, afim de tornar celebre o seu nome através das gerações vindouras.

O egypcio, com a grandiosidade brutal das pyramides, consegue perpetuar e trazer até nós a gloria dos seus reis.

A Grécia ostenta o seu esplendor, levantando a estatua colossal de Apollo.

E logo Roma, ciosa do seu valor e do renome dos seus heroes, funda o austero e sumptuoso pantheon levanta os magníficos arcos de triumpho, erige as estatuas deslumbrantes e as columnas altaneiras; e no afan de vulgarizar mais e mais os monumentos glorificadores, pede à arte modelos mais singelos e logo apparecem as hermas, os obeliscos, as lapides panegyricas, — todo esse conjuncto maravilhoso de symbolos de poder e de orgulho, cujas ruínas ainda hoje attéstam a grandeza e a magnificência da intangível cidade dos Cezares e dos Pontífices.

Até bem pouco tempo estas manifestações patrióticas constituíam como que um privilégio exclusivo das grandes capitaes; felizmente, porem, graças ao evoluir da civilisação e do progresso, vão se quebrando os élos dessa centralização pretenciosa e injustificável, e muitas localidades do interior, cõnscias dos seus direitos e dos seus deveres, celebram os seus fastos memoráveis e rendem tributos de gratidão e homenagem aos seus beneméritos, levantando na praça pública os monumentos imperecíveis, que, contribuindo efficazmente para a educação cívica, estimulam o *bairrismo* - esse sentimento innato, intransigente, incorruptível, benéfico, que se traduz no culto de amor e devotamento à nesga de terra em que cada um viu a luz do dia, e que todos, instinctivamente, consideram a synthese de todas as bellezas — a miniatura fiel do mundo inteiro.

O nosso cliché representa o obelisco talhado em mármore, tendo em uma das faces a inscripção:

1824 – 24 de Dezembro – 1924

**Centenário da Fundação Desta Cidade
e Da Primeira Missa Aqui Celebrada**

É encimado por uma estrella dourada symbolizando não só a estrella dos Reis Magos, como a miragem do ouro, que determinou a descoberta e o povoamento desta zona.

A SENTINELA

Ergue-se na, hoje, praça Dr. Sampaio Vidal, nas proximidades e em frente ao lugar onde, em 1824, foi celebrada a missa do Natal.

Em fim, o modesto monumento ahi fica para, na sua simplicidade artística, attestar ás gerações vindouras os nobres intuitos e a grandeza dos sentimentos da geração presente que o erigiu num momento assignalado e propício da sua existência histórica.

HYMNO

Ao Collegio da Immaculada Conceição

Aqui nesta fonte
De uma água puríssima
Bebemos as graças
Da Virgem Santíssima.

Louvemos, louvemos
O seu fundador,
Que a nós conferiu
Tão grande favor

Dissipam-se as trevas
Do espírito infantil,
E o sol da Verdade
Resplende gentil.

Façamos corôas
De lyrios e rosas
A's mestras queridas,
Oh mães carinhosas.

Collegio benedicto,
Oh! fóco de Luz,
Estrada segura
Que ao bom nos conduz.

Rompendo das nuvens
O límpido véu,
Recaiam sobr'ellas
As bençams do Céu.

COLLEGIO DA IMMACULADA

O collegio da I. Conceição, fundado pelo Padre João Miguel de Angelis, no prédio pertencente à Câmara municipal, que o cedeu generosamente, começou a funcionar em 25 de Janeiro de 1913, sendo o pessoal docente composto das religiosas Filhas de Jesus: - directora, madre Eloísa André; professoras: Josepha Gonçalves, Irene Fernandes, Maria Goncerdia, Maria Elasegui e Maria Irotagagena.

Actualmente está o collegio entregue às religiosas da Pia União Jesus, Maria, José, sendo directora a madre superiora Maria Conceição Pinto; professoras, as irmãs Rosalina Silva, Clementina Gomes, Laudelina de Freitas, Paulina de Jesus; auxiliares, Beatriz de Paula, Martinha Pires Angelina Dias, Rosalia Rodrigues, Luiza de Jesus.

Alumnas internas, 32; externas, 103; jardim da infância 15.

Está sendo feito um considerável augmento no edificio afim do collegio poder attender os pedidos de admissão de alumnas internas, mesmo fora do município.

A SENTINELA

AO MENINO JESUS

Se os innocentes Pastores
Tiveram para vos dar
Somentes fructas e flores,
Tão gratas ao vosso olhar,

Eu, que tanto vos estimo,
Meu Deus - Menino e gentil,
Venho trazer-vos um mimo,
Oh! que lembrança infantil!

É um galhinho de café
Em plena maturação;
Não vale pelo que é,
Mas vale pela intenção,

É um symbolo bem eloqüente
E que alta verdade encerra:
--- Orgulho de muita gente,
--- Riqueza de nossa terra.

M. Seq.

Caconde, Dezembro de 1924.

ESCOLA PROFISSIONAL

A ESCOLA PROFISSIONAL “Commendador José Umbelino” fundada pelo Padre João Miguel de Angelis, começou a funcionar, na forma da lei, em 1921, tendo actualmente: 33 alumnos da escola diurna; alumnos da escola nocturna, 37.

A SENTINELA

CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DE CACONDE E DA PRIMEIRA MISSA Aqui celebrada no dia 24 de dezembro

Os festejos organizados para a comemoração de tão gloriosa data obedecerão ao seguinte:

-- PROGRAMA --

DIA 22 – O Reverendo vigário da Parochia Padre João Miguel de Angelis, acolytado pelos Reverendíssimos Padres Feliciano Jagüe e João de Eschibaria, dará início a um solemne tríduo na vetusta Matriz desta cidade, às 6 horas e meia da tarde.

DIA 23 – As 8 horas da manhã o Vigário e os outros Padres celebrarão o Santo Sacrifício da Missa em suffrágio do fundadores desta cidade.

As 8 horas e meia da noite um grupo de gentis senhoritas levará ao palco no Theatro Variedades um pequeno drama e algumas cançonetas.

DIA 24 – O amanhecer desse dia será saudado com uma salva de 21 tiros e a banda musical Santa Cecília, sob a eximia batuta do maestro Mozart Cândido de Araújo percorrerá as ruas desta cidade.

As 7 horas e meia os Reverendíssimos Padres celebrarão uma missa em suffragio das almas dos vigários que foram desta parochia.

As 8 horas a histórica imagem de Nossa Senhora da Conceição, que figurou como Padroeira da extincta igreja do Bom Sucesso, em 1775, em bellissimo andor, da Capella do Collegio Immaculada será transportada, procissionalmente, para a praça Dr. Sampaio Vidal, onde será collocada em artístico altar, exposta à veneração dos fiéis.

Neste acto soará o velho sino que existiu naquella mesma igreja

As 9 horas se fará a inauguração do obelisco commemorativo do Centenário, que será entregue aos poderes municipaes.

Logo em seguida, no mesmo altar, será celebrada a missa campal, pregando ao Evangelho o Padre Feliciano Jagüe.

A SENTINELA

A Câmara Municipal para perpetuar o festejamento desta nossa gloriosa data deliberou dar o nome “RUA 24 de DEZEMBRO” a actual Rua dos Guayanazes. As 2 horas da tarde com a presença das autoridades serão collocadas as respectivas lápides de mármore.

Às 6 horas e meia da tarde será cantado na Matriz um solemne Te-Deum

À meia noite em ponto celebrar-se ha a tradicional Missa do Gallo

-- DIA 25 --

Festas em louvor da Padroeira desta Parochia, sendo festeiros o Snr. Eduardo Marcelino de Faria e sua Exma. Senhora.

No dia 24 será distribuído carne e outros gêneros alimentícios aos pobres desta cidade.

No dia 25 será servido um almoço aos presos da nossa cadeia pública.

Nos dias de festa a cidade será fartamente illuminada e embandeirada.

CACONDE, DEZEMBRO DE 1924.

A Comissão.

A SENTINELA

CENTENÁRIO DE CACONDE

As senhoritas de Caconde, desejando tomar parte directa nos festejos commemorativos do Centenário da fundação desta cidade e da primeira missa celebrada nesta terra, resolveram organizar um modesto festival que se realizou no dia 23 do corrente as 19 horas no “Cinema Variedades” gentilmente cedido pelo seu proprietário Snr. Pedro Tortorelli e que obedeceu ao seguinte:

PROGRAMMA

-- 1.ª PARTE --

HYMNO NACIONAL A 6 MÃOS – pelas Senhoritas – **Marai C. Almeida, Roma Mazzilli e Zula Lobo.**

DISCURSO – pela Senhorita – **Maria Conceição de Almeida.**

-- 2.ª PARTE --

A CHOUPANA BRETÃ OU UMA LIÇÃO AS FILHAS

- Drama em 3 actos com as seguintes distribuições -

| | | |
|--|--|--|
| Mãe Heronef Iveta | Viúva de um pescador Sua filha | ZULEIDE DE SOUZA ESMERALDA DE SOUZA |
| Magdalena Bertha | Visinhas da casa da Mãe Heronef » » | MARIA BARBONI YOLANDA ANTOINI |
| Anna Madame de Saint Aignan Madame de Felicien Baroneza de Esteven Marqueza Sauvray | Amiga de Iveta Marqueza Senhora decahida | MARIA JOSÉ LEMES MARIA C. DE ALMEIDA ROSA TORTORELLI IZABEL RUBO ZULA LOBO |
| Sophia Constância | Creada | ANTONIETTA DE ALMEIDA APPARECIDA DE SOUZA |

-- 3.ª PARTE --

| | | |
|--|--------------------|---|
| A Geisha Fado das mãos Apita, seu guarda, apita | Cançoneta Dueto | OLGA DE ALMEIDA ZULA LOBO MARIA MOREIRA MARIETA DE ALMEIDA |
|--|--------------------|---|

A SENTINELA

| | | |
|------------------------------|-----------|----------------------------|
| Agonia de artista | Tango | M. CONCEIÇÃO DE ALMEIDA |
| Piracicaba | Caterete | MARIETA DE ALMEIDA |
| Valsa dos que soffrem | | ESMERALDA DE SOUZA |
| O Pintasilgo | Poesia | IZABEL LAROCCA |
| Jayme | Fox-trot | APPARECIDA DE SOUZA |
| De roupa nova | Cançoneta | OLGA DE ALMEIDA |
| Rouxinol | Fox-trot | IZABEL LAROCCA |
| Viola Cantadeira | Tanguinho | MARIA CONCEIÇÃO DE ALMEIDA |
| | | ESMERALDA DE SOUZA |

GAROANDO

Scena Cômica

MARIA BARBONI
IZABEL LAROCCA
YOLANDA ANTONINI
HILDA MOREIRA

As Cançonetas foram acompanhadas ao piano e violinos pelas senhoritas Roma Mazzilli, Maria Conceição de Almeida e Zula Lobo.

Caconde, Dezembro de 1924

O Rev. Padre João Miguel de Angelis e o Snr. Commendador José Umbelino, fizeram questão que esta Polyanthéa, fosse impressa nas officinas da Escola Profissional, confiando, assim, da nossa inexperiência de aprendizes da arte typográfica.

Pedimos, portanto, ao leitor benévolo desculpas pelas imperfeições e erros que se notam neste trabalho, que é, no gênero, o primeiro que nos foi dado executar.

*Benedicto de Almeida – Gerente
Antônio de Souza
Domingos Tigani
José Tigani
Francisco de Paula*